

**MODALIDADE: Pesquisa com Resultados Parciais**

**EIXO: Eixo 17. Fatores de Risco: Prevenção e Intervenção na Perspectiva Sociobiopsicológica**

## **O (DES)VELAR DO CORPO E DO SENTIDO DA VIDA: SER CRIANÇA COM CÂNCER NAS BRINQUEDOTECAS HOSPITALARES**

Ana Karyne Loureiro G.W.FURLEY  
Brenna da Silva CASTRO  
Hiran PINEL\*  
Edicléa Mascarenhas FERNANDES\*

Universidade Federal do Espírito Santo  
PPGE/UFES/CAPES<sup>1</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro<sup>2</sup>  
Pedagogia  
Rio de Janeiro

Universidade Federal do Espírito Santo  
PPGE/UFES<sup>3</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro<sup>4</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho visa apresentar um projeto de doutorado que tem como objetivo "descrever compreensivelmente, o que é e como é ser sendo criança com câncer nas brinquedotecas hospitalares: o (des) velar do corpo e do sentido da vida". Desde uma perspectiva fenomenológica, considerando primordialmente obras de Merleau-Ponty, em diálogo com elementos da logoterapia de Viktor Frankl, deseja-se propor uma reflexão acerca do brincar como catarse, prevenção e intervenção sobre fatores de riscos que transversalizam o desenvolvimento humano, nas dimensões de saúde física, psicológica, cognitiva, econômica e social, sobre como crianças que experienciam o adoecimento oncológico des-velam no ato de brincar a sua condição de pertença ao mundo por meio do corpo e como, público alvo da educação especial, por meio deste corpo adoecido, procuram dar um sentido à vida que perpassa também o mundo da escola. O mundo só pode

ser conhecido por esse corpo que, atingido diretamente em sua realidade motriz, na maioria dos casos, torna-se lócus da ressignificação da própria existência. O projeto mostra-se relevante por proporcionar um olhar a partir dessas crianças onde as percepções sobre o próprio corpo e o sentido da vida que se lhes irrompe desde o adoecimento/tratamento oncológico, como pessoas capazes de realizarem a aposta no sentido da vida: ser-sendo no mundo!

**Palavras-chaves:** Educação especial; fenomenologia; câncer.

## 1. Introdução

A partir da pesquisa de Furley (2019) foi possível observar a importância desse espaço de características ludoterápicas, garantido pela lei nº 11.104 (2005), que estabelece a obrigatoriedade da brinquedoteca em hospitais que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação. A brinquedoteca selecionada como lócus da pesquisa supracitada, recebe diariamente crianças em tratamento onco-hematológico. Em consequência das neoplasias, essas crianças demonstraram apresentar dificuldades cognitivas relacionadas ao brincar e ao conteúdo escolar, por vezes por causa do uso de fármacos, por vezes por sequelas durante o tratamento. Os tumores mais frequentes no câncer infanto-juvenil são as leucemias (afetam os glóbulos brancos), os que afetam o sistema nervoso central (SNC) e os linfomas (sistema linfático). No entanto o retinoblastoma (tumor que afeta a retina), o osteossarcoma (tumor ósseo), neuroblastoma (tumor de células do sistema nervoso periférico), o do sistema nervoso central (SNC) deixam sequelas dentre elas: amputações, cegueira parcial ou total, perda parcial ou total da oralidade, o desenvolvimento do crescimento físico, diante disso essas crianças passam a ser público alvo da educação especial.

Isto posto, observou-se e descreveu-se que quando o ser criança com câncer brinca, o faz com seu corpo e em sua totalidade, pois o ser, é ser em sua existência e em sua completude. A partir dos conceitos merleau-pontyanos de corporeidade, experiência e percepção que foram vividos como movimentos indissociados, a escola foi apresentada através de narrativas, por vezes como sentido da vida, como possivelmente, algo que os movia a seguir para além da doença que os atinge no corpo.

Consideramos, pois, que a brinquedoteca hospitalar, pode ser um espaço de possibilidades de percebemos e (re)pensarmos nossas condutas enquanto educadores. Como esse ser sendo criança com câncer projeta-se ao vivido, em meio a livros, panelinhas, bonecas, fantasias de super heróis, colas e botões e nos (re)vela uma abertura original para o mundo da percepção a partir do seu corpo, um sentido para a vida ao brincar e, por vezes nem percebemos.

A motivação para a pesquisa (em andamento) é o desejo em contribuir com novos dados, buscando preencher lacunas percebidas ao fazer o estudo do estado da arte para a elaboração do material apresentado até o presente momento. Nos chama a atenção, o fato da brinquedoteca hospitalar ser coordenada, grande parte delas, pelo profissional pedagogo e tão pouco pesquisada pelos profissionais da educação. Assim, como a maior parte das pesquisas e ensaios descrevem as práticas dos profissionais que transitam por esse espaço em várias áreas do conhecimento.

No entanto, temos percebido que são raros os trabalhos que colocam em evidência a subjetividade da criança em regime de tratamento e/ou internação hospitalar, e elas estão ali interagindo e (des)velando-se naquele espaço-tempo, percebido por nós, como da ordem do sagrado. Lacunas que em um novo caminhar, a partir da tese de um dos autores deste texto, poderão ser preenchidas a partir do que a move enquanto pesquisadora interessada na subjetividade da pessoa presente na brinquedoteca hospitalar onco-hematológica, na pessoa que devido ao tratamento torna-se publico alvo da educação especial, seja permanente ou temporário.

O ser é corpo, e através do brinquedo e do brincar, percebe o mundo e projeta-se ali enquanto ser no mundo, entregando-se ao vivido. A criança hospitalizada e sua família passam por um processo de fragilização vivenciando esse período de hospitalização através de procedimentos dolorosos e invasivos, sendo privados da companhia de amigos e familiares, de uma rotina agradável sofrendo uma ruptura e privação na vida desse paciente e de sua família (Furley, 2019; Teixeira, 2018; Almeida, 2018).

Apresentamos, neste tempo vivido, o projeto de pesquisa de doutoramento da orientanda do prof Dr. Hiran Pinel e membra do Neei/Uerj, que tem como objetivo observar<sup>5</sup> e descrever compreensivelmente, o que é e

como é ser sendo criança com câncer nas brinquedotecas hospitalares: o (des) velar do corpo e do sentido da vida; tal projeto dá continuidade à pesquisa de mestrado concluída em 2019 que em suas considerações finais apontava para uma necessidade de ulteriores desdobramentos.

Desde uma perspectiva fenomenológica, considerando primordialmente obras de Merleau-Ponty (1999), em diálogo com elementos da logoterapia de Viktor Frankl, deseja-se propor uma reflexão sobre como crianças que experienciam o adoecimento oncológico (des)velam no ato de brincar a sua condição de pertença ao mundo por meio do corpo e como, por meio deste corpo adoecido, condição que lhes torna público alvo da educação especial, procuram dar um sentido à vida que perpassa também o mundo da escola.

O mundo só pode ser conhecido por esse corpo que, atingido diretamente em sua realidade motriz, na maioria dos casos, torna-se lócus da ressignificação da própria existência. Trata-se, pois, de uma pesquisa qualitativa que se servirá da ludoterapia para observação da realidade manifesta nas brinquedotecas hospitalares.

## **2. Fundamentação teórica**

Para essa pesquisa fenomenológica se baseará na perspectiva teórica e filosófica de Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) e no marco conceitual, teórico e filosófico da logoterapia de Viktor Frankl (1905-1997) e na ludoterapia, a psicoterapia centrada na criança de Virginia Mae Axline (1911-1988).

A concepção da infância em Merleau-Ponty propõe conhecer a criança a partir de seu próprio mundo infantil afetado por fragilidades e incoerências, onde “o corpo próprio está no mundo assim como o coração no organismo; ele mantém o espetáculo visível continuamente em vida, anima-o e alimenta-o interiormente, forma com ele um sistema” (1999, p. 273). Essas experiências são vividas por esse ser corpóreo demasiadamente humano, pleno em subjetividade. Corpo sendo ser no mundo, entrelaçando-se a ele, presentificando-o através de múltiplos contornos, de historicidade, de experiências humanas, não se abstendo aos conceitos pré-determinados do

mundo adulto. A criança, através de seu corpo como mediador à vida do sentido, não representa o mundo, ela o vive.

Nesse sentido, a criança tenta enfrentar uma situação, fechar uma situação aberta. Fora do nível do julgamento, do predicativo, há o nível da experiência do mundo, da vida com o mundo.

Para Merleau-Ponty, não há causalidade fenomênica na criança. A criança não caminha para explicações “mágicas” a qualquer custo, [...] (2006, p. 509) e nesse caminhar, esse ser criança em sua corporeidade vivencia o câncer e como um “ser vivente num emaranhado de emoções, experimenta fortemente sua insuficiência” (1984, p. 79), vendo e vivendo o mundo em busca de sentidos da vida.

O sentido de existência, a busca por realização de sentido é o cerne na logoterapia de Viktor Frankl, que “retraduz o conhecimento elaborado pela fenomenologia, referente às possibilidades de encontrar um sentido, para a linguagem da pessoa simples e comum” (2007, p. 91). Frankl mostra-se devedor da fenomenologia de Husserl, Heidegger, tendo recebido muito dessas influências através de Binswanger.

De acordo com Gomes, também chamada de terceira Escola Vienense de Psicoterapia, a logoterapia é uma tentativa de humanização das psicoterapias, “que significa a psicoterapia através de um sentido da vida e se afirma principalmente após o seu experimentum crucial nos campos de concentração” (1987, p. 11), vividos por Frankl durante 3 anos no holocausto.

Para Frankl há um otimismo trágico que tendo em vista o potencial humano sempre permitirá: transformar o sofrimento numa conquista, numa realização humana; extrair da culpa a oportunidade de mudar a si mesmo para melhor; fazer da vida um incentivo para realizações responsáveis (2011).

Frankl compreende o homem uma visão tridimensional, como um ser bio-psico-sócio-espiritual, numa dimensão psicológica, física e noética. Utiliza como forma de análise existencial a partir da visão de homem sustentada em três pilares: “liberdade de vontade, a vontade de sentido e o sentido da vida” (2011, p. 26). Onde: o homem não é livre de suas contingências, mas livre para tomar atitudes diante da vida (liberdade de vontade); motivação primária do ser humano (vontade de sentido); a visão do mundo, de experiência e de

atitude- tríade trágica: dor, morte, culpa (valores de criação).

Corroborando com Merleau-Ponty acreditamos que o mundo infantil deva ser contemplado com o olhar de quem vive-brinca o brincar de um brincante, dentro de sua verdade.

Assim para observar esse ser brincante, faz-se necessário não apenas estar junto e descrevê-lo, e sim desnudar-se de si e preencher-se do outro. Como pesquisadores, estudiosos do brincar e da educação, acreditamos que o olhar da ludoterapia pode possibilitar práticas de escuta, de interção entre pares possibilitando a troca de saberes e de cuidado.

A ludoterapia é uma abordagem humanista desenvolvida por Virgínia Mae Axline, a partir do processo terapêutico desenvolvido na psicoterapia centrada no cliente, de Carl R. Rogers (1902-1987). Axline (1972), descreve que a ludoterapia pode ser diretiva, quando o profissional assume a orientação e a direção e, não-diretiva quando é permitido à criança direcionar suas ações enquanto indivíduo dentro do seu próprio direito naquele espaço-tempo. Baseia-se no fato que através do jogo e do brinquedo a criança auto-expressa-se e resolve suas dificuldades falando sobre elas.

Portanto, de forma sintética a pergunta que norteará essa pesquisa: Como as crianças com câncer e com necessidades educacionais especiais, ao interagirem na brinquedoteca hospitalar, (des)velam o corpo e o sentido da vida?

Desse modo, objetiva-se:

Descrever compreensivelmente, o que é e como é ser sendo criança com câncer e com necessidades educacionais especiais nas brinquedotecas hospitalares e o (des)velar do corpo e do sentido da vida. Dentre de uma perspectiva fenomenológico-existencial, nossa pesquisa apresenta dois objetivos - sem especificar um ou mais gerais e ou específicos - simplesmente dois objetivos que vão ser respondidos ao longo da pesquisa. A pesquisa fenomenológica está interessada no fenômeno, fenômeno este, aberto a mais possibilidades, sem planejamento prévio, algo que facilita a epoché na Educação e Pedagogia. Aqui, inclusive, podemos dizer: sem planejamento muito prévio, visto que vivenciaremos o primeiro contato, o vir a lume.

Nesse movimento a pesquisadora em produção de dados de

doutoramento, buscará descrever, de modo profundo e na busca do sentido, depoimentos, falas, obras (desenhos, fotografias, etc.), escuta no tempo e no espaço etc. Trata-se de uma proposta qualitativa, onde dados numéricos, caso ocorram, existem de modo coadjuvante, não sendo o que anima tais pesquisas. A tarefa da fenomenologia é descrever o fenômeno e não explicá-lo. Diante disso, quando um pesquisador se envolve, ele traz à tona não apenas a essência do objeto ou do ser pesquisado, mas também o irrefletido e nele a possibilidade de se socializar para além dos meios acadêmicos as percepções dos sujeitos constituidores da pesquisa.

A pesquisa possui parecer consubstanciado pelo CEP, nº 5.677.360 e CAAE: 63413322.7.0000.5542 e o lócus da presente investigação é a brinquedoteca hospitalar da Unidade de Tratamento de Alta Complexidade em Onco-Hematologia (Unacon) pediátrica do Hospital Estadual Infantil Nossa Senhora da Glória (HINSG) anexo ao Hospital da Polícia Militar (HPM). Serão sujeitos do estudo em questão, 2 crianças entre 8 a 12 anos, com necessidades educacionais especiais de idade escolar e na situação de paliativo em tratamento oncológico acolhidos pela instituição, familiares, educadores e equipe envolvida (professor da classe, assistente social, brinquedistas/ envolvidos no brincar) a serem observadas e descritas.

Para tal, será utilizado os seguintes dispositivos: diários de campo; conversas informais sem roteiro estruturado, relatos autobiográficos (desenhos, verbalizações dialogais; imagens fotográficas); observação livre direcionada ao vivido e uma escrita compreensiva enfatizando a subjetividade que é o foco do estudo.

### **3. Resultados alcançados**

A previsão para o início da pesquisa de campo, é estimada para dia 10 de outubro de 2022 à 10 de dezembro de 2022, totalizando 40 (quarenta) encontros semanais de 60 minutos cada. O que nos move em apresentar uma pesquisa em desenvolvimento, visto que um dos tópicos para a submissão é exatamente os resultados alcançados?

Analisando a produção no Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e na Biblioteca

Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e utilizando o descritor: “brinquedoteca hospitalar”, no período de 2015 a 2021, identificou-se 07 produções, sendo 05 dissertações de mestrado e 2 teses de doutorado, sendo que com 5 destes trabalhos foram citados na dissertação defendida no ano de 2019. A partir desses dados, observou-se que a temática continua sendo pouco pesquisada. Localizamos apenas 02 produções:

- Almeida (2018), em trabalho defendido no programa de pós-graduação da Universidade do Vale do Taquari (RS), na área de ensino, apresentou a dissertação O olhar do enfermeiro sobre as práticas desenvolvidas no espaço da brinquedoteca hospitalar;
- Teixeira (2018), psicóloga e discente do doutorado em Educação, na Universidade de São Paulo, defendeu a tese Brinquedoteca hospitalar na cidade de São Paulo: exigências legais e realidade. Objetivou verificar a situação das brinquedotecas hospitalares na cidade de São Paulo partir de uma pesquisa qualitativa exploratória sobre a humanização da saúde por meio de brincar/jogar/brinquedoteca a partir da pesquisa e análise em 20 sites internacionais e revisão bibliográfica de 324 pesquisas realizadas num período de 10 anos.

Nesse movimento, recorreu-se ao sítio científico Scielo, e fomos surpreendidos ao buscar “brinquedoteca hospitalar”. Não foi localizado nenhum artigo. Nesse movimento de ser pesquisadora, fez-se necessário o distanciamento como quem busca pistas em uma estrada desconhecida. Ao permitir-se uma nova rota, ao utilizar o descritor “brinquedoteca” e assim, eis uma surpresa, 25 artigos, dos quais 12 deles têm como temática ou lócus de pesquisa, o espaço da brinquedoteca hospitalar. Sendo artigos, possuem mais de um autor e, por vezes, autores de abordagens diferentes, sendo 01 (educação), 05 (enfermagem), 01 (terapia ocupacional), 01 (biociências), 02 (psicologia e pediatria), 01 (terapia ocupacional e educação), 01 (terapia ocupacional e fonoaudiologia), dos quais 03 foram submetidos a Revista Brasileira de Educação Especial .

Dando continuidade a revisão de literatura, destacamos o evento da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) no qual pudemos observar que o descritor “brinquedoteca hospitalar” não foi localizado em nenhum trabalho no GT15 - Educação Especial, na análise feita

no período de 2008 à 2018. Enquanto estudante de mestrado em Educação, uma das autoras deste trabalho, teve a oportunidade de estar vivenciando no ano de 2017, a 38ª ANPED, que teve como tema “Democracia em risco: a pesquisa e a pós-graduação em contexto de resistência”, pude assistir a apresentação de um trabalho envolvendo a temática Pedagogia Hospitalar, no GT 16 - Educação e Comunicação, intitulado: “Aprender cinema no hospital: experiências e deslocamentos com os adultos, a infância e a docência”, de autoria de Fernanda Omelczuk.

Pontuamos que, na publicação do Anais da última reunião, a 40ª ANPED, que teve como tema “ Educação como prática de liberdade: cartas da Amazônia para o mundo”, no do GT15 – educação especial, localizamos o trabalho intitulado: “O atendimento pedagógico hospitalar e o tratamento da doença: enfoque nas narrativas de crianças hospitalizadas”, de autoria de Osdí Barbosa dos Santos Ribeiro.

Os eventos acadêmicos tem sido presença de pesquisadores e de partilha de práticas profissionais, por isso insistimos em acessá-los. Nesse interím, localizamos nos Anais do 11º Encontro Nacional de Atendimento Escolar Hospitalar e Domiciliar e 1º Simpósio Internacional – GIEI, realizado pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), nos dias 15, 16 e 17 de outubro de 2021, 96 trabalhos, dentre resumos expandidos e relatos de experiências, dos quais a priori, 46 trabalhos estão descritos como campo interdisciplinar, e essa interdisciplinaridade foi reforçada com reflexões apresentadas na “Mesa Redonda VI- Interdisciplinaridade: Brinquedotecas e Classes Hospitalares- uma parceria”, da qual tive o privilégio de mediar.

Um ano após esse evento, lançou-se a obra “Tratado da Brinquedoteca Hospitalar – Humanização, teoria e prática”, organizada por Tizuko Morchida Kishimoto, Drauzio Viegas e Sirlândia Reis de Oliveira Teixeira, lançado no mês de novembro de 2021, com 35 capítulos dos quais, muitos descritos por profissionais e pesquisadores de brinquedotecas hospitalares oncológicas.

Pesquisas de relevância para os estudiosos da área, no entanto buscamos a subjetividade desses seres no mundo que transitam nesses espaços, suas percepções de corpo e de sentido de vida a partir do brincar. E falamos de brincar no plural pois faz-se necessário refletirmos o espaço da brinquedoteca

hospitalar na perspectiva da (in)clusão de fato. Incluir o ser no mundo em lugar de direito, a partir de seus processos culturais existentes sendo percebidos pelos contextos de convivência social.

A Lei nº11.104 (2005) estabelece a obrigatoriedade da brinquedoteca em hospitais que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação. Sendo assim, deve ser organizada de modo a considerar uma aproximação da prática pedagógica social da educação inclusiva. Nessa perspectiva, é um reducionismo compreender a brinquedoteca apenas como espaço de brincar. Tendo em vista os dados do Instituto Nacional do Câncer (INCA), no quais estima-se que sejam diagnosticados no Brasil no triênio 2020-2022, um total de 25.380 novos casos de câncer.

Estamos falando de 25.380 crianças fora da escola, afastadas de suas rotinas familiares, sociais e agora imersas em uma realidade onde a finitude é escancarada em meio ao som de sirenes de ambulâncias, de choros e falas em corredores que podem ser escutados em meio ao silêncio em um leito hospitalar.

Estamos falando de 25.380 crianças que tem direito ao brincar e brincando dão novos sentidos a suas dores, o brincar como catarse e como prevenção e intervenção sobre fatores de riscos que transversalizam o desenvolvimento humano, nas dimensões de saúde física, psicológica, cognitiva, econômica e social. O espaço da brinquedoteca hospitalar pode atuar como coadjuvante à adaptação ao mundo externo durante e após o período de tratamento, facilitando a essa criança a recuperação da saúde e, possivelmente, reduzindo o efeito traumático desse período hospitalar sem perder de vista a acessibilidade e inclusão social e escolar.

#### **4. Conclusões**

Não temos uma resposta pronta, até mesmo porque o método fenomenológico de pesquisa nos permite o ir e vir nessa nossa inquietude enquanto seres inacabados. Assim os resultados nos levam a novas reflexões a partir de uma intencionalidade e não de hipóteses. Podemos nos despedir, brevemente, deixando aqui uma reflexão acerca do (des)velar do

corpo e do sentido de vida a partir do brincar no espaço da brinquedoteca hospitalar.

A subjetividade desse ser no mundo! Essa é a intencionalidade da pesquisa. O que essa criança com câncer tem a nos dizer? No entanto, cabe refletirmos: O que temos feito para que esse brincar acolha crianças e adolescentes na perspectiva da diferença, da diversidade, da acessibilidade e da inclusão? Inclusão não apenas pelo acesso a tecnologia assistiva, pelo uso de brinquedos/recursos adaptados.

Como recebemos uma criança quilombola, indígena, campesina, cigana? Acolhemos de fato e possibilitamos que o brincar seja a partir de seus valores intergeracionais, crenças ou ofertamos o brincar midiático? E quando pensamos o brincar com jogos a partir da utilização de programas de acessibilidade? Faz-se necessário refletirmos! A doença e/ou a deficiência não definem quem brinca e é direito dela ter acesso ao brincar que a pertença! Faz-se necessário em tempos de crises sistêmicas, resistirmos e percebermos de fato que o brincar na brinquedoteca hospitalar é um ato de liberdade e de busca de realização de sentido de vida! Ou por acaso você leitor, esqueceu como vivenciava o brincar em sua infância? Convidamos você a retornar as suas memórias, num tempo não tão distante assim... Colocar-se no lugar do outro, ser no mundo e com o mundo! O mundo de infâncias e brincantes! É sobre isto que falamos!

## 5. Referências

Almeida, E. E. S. de. (2018). O olhar do enfermeiro sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas no espaço da brinquedoteca hospitalar. Universidade do Vale do Taquari.

Axline, V. M. (1972). Ludoterapia: o método de ajudar crianças a se ajudarem (2ª ed.). Inter livros. Frankl, Viktor E. (2005). Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo. (23ª ed). Ideias& Letras.

Frankl, V. E. (2011). A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia (Ed. Ampliada). Paúlus.

Frankl, V. E. (2019). Em Busca de Sentido. Petrópolis. (46ª ed). Editora Vozes.

Furley, A. K. L.G. W. (2019). Ser criança com câncer na brinquedoteca hospitalar: um estudo em Merleau-Ponty. Universidade Federal do Estado do Espírito Santo.

Gomes, J. C. V. (1987). Logoterapia: a psicoterapia existencial humanista de Viktor Emil Frankl. (1ª ed.). Edições Loyola.

Lei nº 11.104. (2005). Dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação.

Merleau-Ponty, M.(1999). Fenomenologia da Percepção. (2ª ed.) Martins Fontes.

Merleau-Ponty, M.(2006). Psicologia e pedagogia da criança: Curso da Sorbonne 1949-1952. (1ª ed.) Martins Fontes.

Teixeira, S. R. de O. (2018). Brinquedoteca Hospitalar na cidade de São Paulo: exigências legais e a realidade. Universidade de São Paulo.

## **6. Notas**

<sup>1</sup> Mestra em Educação (UFES). [anakaryneloureiro@gmail.com](mailto:anakaryneloureiro@gmail.com). "O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 "This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001"

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia (UERJ). [brennacasto7@gmail.com](mailto:brennacasto7@gmail.com) e Bolsista do projeto Classe Hospitalar do Hospital Universitário Pedro Ernesto: Encontro da Educação junto a Saúde, na modalidade de Iniciação à docência, vinculado a Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, coordenado pela Professora Dr. Edicléa Mascarenhas Fernandes.

<sup>3</sup> Doutor em Psicologia (UPS). [hiranpinel@gmail.com](mailto:hiranpinel@gmail.com)

<sup>4</sup> Doutora em Ciências (FIOCRUZ). [professoraediclea.uerj@gmail.com](mailto:professoraediclea.uerj@gmail.com)

<sup>5</sup> Para a descrição, faz-se necessário a observação. Não uma simples observação, mas dedicar-se a observar, a ver o mundo do outro a partir do seu olhar, como se de fato o outro vivesse em mim e nós, nele. Observar é dedicar tempo, dedicar cuidado, empatia. No entanto é preciso observar o fenômeno tal como ele se mostra para que a descrição fenomenológica possa ser concluída.